

Podemos reconstruir a Missão da Igreja numa era de pós-pandemia?

INTRODUÇÃO

O mundo parecia funcionar como uma máquina bem oleada quando, a partir da China, o covid 19 chegou ao mundo inteiro. Terminava o ano 2019, cheio de sucesso económico e financeiro na Europa e América do Norte. Impressionou a todos a velocidade da sua transmissão, a globalização do seu impacto e a incapacidade mundial de enfrentar as suas consequências. Assim, o mundo inteiro (ou quase) parou. Confinamos. Fomos convidados (ou mesmo obrigados) a ficar fechados em casa. E, em dois meses, morreram centenas de milhares de pessoas, muitas mais foram contagiadas e esta economia que parecia inabalável...asfixiou. Quase tudo parou, os hospitais rebentaram pelas costuras, a maioria das empresas entraram em caos, os déficits anunciaram-se históricos. O mundo inteiro foi percebendo que, afinal de contas, esta 'normalidade' era muito anormal porque não dava qualquer segurança nem constituía uma defesa razoável contra pequenos ataques vindos de seres microscópicos como um simples vírus. Provou-se que os nossos sistemas económicos nem sequer permitem que paremos dois ou três meses!

Na era da comunicação

As tecnologias da comunicação tomaram conta do dia a dia deste mundo em estado de pânico. Foram elas que trouxeram todas as informações (muitas delas falsas e demagógicas) e também permitiram às pessoas comunicarem entre si, estabelecendo os laços que o vírus desfez. Os media informaram e intoxicaram, ligaram e romperam, mostraram e esconderam. Permitiram construir pontes e garantir aos crentes de todos os credos a possibilidade de 'celebrar' a sua Fé, em contexto de 'comunhão espiritual'.

Este tempo de covid 19 introduziu muitas expressões estrangeiras nas nossas vidas quotidianas: 'lockdown', 'confinement', 'stay at home', 'tutto andrà bene', 'laudato si', 'fake news', 'smart working', 'home office', 'zoom', 'skype', 'webinar', 'live streaming', 'whatsapp', 'lay off'... e todas as 'tele', desde o 'tele-trabalho' à 'tele-escola' (Ana Azevedo, falou dos '*telecoisos*' que não inclui '*tele Amor*'!). E pôs cientistas, filósofos, teólogos, jornalistas, escritores, professores, artistas, músicos...a tentar preencher os nossos dias de 'prisão domiciliária' dando explicações, comentando, cantando, animando e rasgando caminhos ao futuro. Também o humor mostrou que é uma das coisas mais sérias do mundo, pois esteve sempre presente e interveniente a caricaturar os dramas, a ridicularizar certas situações negativas e a apontar, com perspectivas risonhas, rumos de vitória sobre esta pandemia. Cartoons, vídeos, animações várias, frases, fotos, pequenos textos encheram as redes sociais e tornaram-se 'virais', outra expressão utilizada para dizer que meio mundo viu e reagiu.

Este covid funcionou como um filtro, uma peneira. Os tempos de confinamento foram de decantação. Estes dias seguintes à passagem furiosa do vírus obrigam-nos a

avaliar o que faz sentido continuar a fazer, o que é preciso mudar de rumo, o que é urgente inventar de novo. Nesta era de hiperglobalização, há enormes fragilidades e interdependências. Estamos todos debaixo da mesma tempestade (o papa Francisco repetiu, vezes sem conta, que estamos todos no mesmo barco), mas há quem seja mais vítima e sofra mais as consequências desta pandemia. Concluímos que, sozinhos valemos e podemos pouco. Estes tempos críticos também ajudam a encostar à parede governos corruptos e ditatoriais, pois não têm os seus países preparados para dar uma resposta adequada.

Como ser Igreja hoje?

No Expresso, o Cardeal Tolentino escreveu que *‘a pandemia devolve-nos a consciência do limite, ao mesmo tempo que nos obriga a reflectir sobre as formas de habitar o mundo a que podemos voltar’*. Devemos, sobretudo, fazer perguntas. Chegamos a esta crise porque *‘globalizamos a economia e a comunicação, sem prestar atenção às forças e fraquezas do globo terrestre’*, *‘habitamo-nos a uma visão utilitarista da realidade’*, *‘queremos sempre mais, sempre mais depressa, sem aceitar falhas’*. Mas, *‘a pandemia coloca-nos numa ‘encruzilhada civilizacional’*. E o Cardeal Poeta recorda: *‘a normalidade não é um conhecido lugar a que se volta, mas uma construção onde somos chamados a empenhar-nos’*.

No meio de tudo isto, que teve e tem a Igreja a dizer ao mundo? Como explica este tipo de acontecimentos trágicos? Qual o lugar de Deus e da Espiritualidade em contextos de pandemia? As Igrejas fecharam as portas, mas Deus e a Fé dos crentes foram e continuarão a ser decisivos em todos os momentos da história. Nestes, particularmente.

Com a globalização rápida da pandemia, uma figura mundial emergiu aos olhos de todos: o Papa Francisco. As suas decisões e intervenções marcaram o mundo nesses tempos de dor e crise profundas. E, particularmente, as suas palavras e gestos simbólicos, carimbando um longo percurso de intervenção papal, sobretudo a partir da *‘Evangelium Gaudium’*ⁱⁱⁱ em 2013 (EG) e da *‘Laudato Si’*^{iv} em 2015 (LS), dois documentos que se tornam mais actuais que nunca, pelas propostas que fazem, mas também pelas denúncias expressas e gritadas ao mundo.

A Igreja Católica esteve sempre na vanguarda da luta contra o vírus, no combate aos seus efeitos mais dramáticos (a sua disseminação e a fome e miséria que provocou nos mais frágeis das nossas sociedades) e, claro está, no anúncio do Evangelho. A figura do Papa foi central em todo este ‘combate’, mas as Dioceses, os Institutos de Vida Consagrada, as Instituições Sociais, os Movimentos, as Paróquias... desempenharam e desempenham um papel decisivo em tudo quanto diz respeito a uma cidadania responsável e à (re)construção de um mundo justo e fraterno.

Os Responsáveis dos Seminários, Pastoral Familiar e Vocacional da Diocese de Coimbra apresentaram ao Conselho Presbiteral, a 19 de maio de 2020, uma reflexão feita ainda dentro do turbilhão da pandemia. Confessam que vivem esta hora como um tempo de despojamento e de desprendimento que convida a pensar e fazer perguntas. E lançam algumas: *‘vamos fazer deste momento um tempo de gravidez ou de funeral, de esperança ou de medo, de oportunidade ou de lamento, de sonhar uma nova cidade ou de ficar a desejar as cebolas do Egipto?’*^v.

Este texto é diferente de todos os outros que já fiz até hoje. Foi escrito em confinamento total, na minha Comunidade Religiosa, em Roma. Portanto, não tive acesso a bibliotecas e livrarias além da nossa e dos textos já trabalhados anteriormente. Vou sugerir alguns alinhavos de futuro próximo com base assente nos fundamentos bíblicos da fé cristã, valorizando, posteriormente, todas as propostas apontadas pela Igreja através do Papa Francisco e de outras pessoas que, nos últimos tempos, se tornaram inspiração e fonte de reflexão e intervenção solidária e fraterna.

Rasgar horizontes de futuro

Quero, ainda em jeito provocador de introdução, cruzar dois textos nascidos em confinamento, mas a apontar já para o pós-covid, rasgando horizontes a um futuro nada previsível. Começo pelo Cardeal Tolentino Mendonça que, em Roma, lançou a 18 de abril, dez perguntas para o pós-Covid^{vi}. De forma livre, colocando aspas apenas nas citações directas: *‘o processo gerado pelo vírus(...) motivou-nos a compreender que estamos no mesmo barco e que só há futuro na implementação de outros modelos de existência colectiva?’*. Será que *‘quando reabirmos as fronteiras passaremos a uma nova etapa da globalização?’*. Pegando nas questões quentes da ecologia integral, o Cardeal Tolentino questiona: *‘deixaremos de considerar a terra um objeto para ser ilimitadamente explorado? (...) Compreenderemos finalmente que tudo está interligado, como insistiu o papa Francisco na Laudato Si (LS 16)?’*. Ao pensar na vida familiar, social e profissional pos-covid, perguntou: *‘Reencontraremos outros ritmos que não os da ditadura da vida frenética (aprendendo a desacelerar) e outros sabores que nutram também a alma (reaprendendo a cultivar a nossa humanidade)?’*. E, mais adiante, bate num ponto nevrálgico da situação pré-covid: afinal, quem é mais importante para a vida no planeta? Serão os que ganham milhões nas especulações financeiras, nas bolsas e negócios, no desporto de alta competição? A pergunta do Cardeal vai noutra direção: *‘saberemos cuidar dos médicos, enfermeiros e cuidadores que tiveram a experiência directa deste trauma?’*. Finalmente – e, para mim, a questão decisiva: *‘trunfará uma visão mais integradora da vida, que compreenda a importância de valores como o dom, a gratuidade e a partilha e nos capacite, por exemplo, para uma síntese mais equilibrada entre pessoa e comunidade, entre vida material e vida espiritual?’*.

Fechadas em casa alguns meses, as pessoas crentes e os ‘líderes’ religiosos sentiram-se asfixiados e sem o alimento espiritual que recebiam, comunitariamente, na sua Igreja. A partir da cidade de Luanda, Aristides Neiva, um dos missionários a trabalhar em comunidades de periferia pobre da capital angolana, citava diferentes textos bíblicos e concluía sempre que era importante voltar à rua porque: *‘não fomos feitos para a exclusão, mas para a alegria da partilha; não fomos feitos para o estacionamento, mas para a estrada; não fomos feitos para o isolamento, mas para o serviço; não fomos feitos para esperas longas, mas para a missão; não fomos feitos para o medo, mas para a aventura; não fomos feitos para nós, mas para Ti; não fomos feitos para o sono, mas para a acção; não fomos feitos para a praia, mas para o mar; não fomos feitos para a distância, mas para o abraço; não fomos feitos para o naufrágio, mas para a travessia; não fomos feitos para a nossa morte, mas para a Tua vida’^{vii}*.

Esta investigação foi concluída em dia de Pentecostes (31.05.2020), solenidade que marcou o regresso dos crentes aos seus Templos para celebrações comunitárias.

1... Sim, todos/as, ‘inspirados/as’ na Bíblia e na Tradição Social da Igreja...

O futuro assenta nos valores gravados nas páginas dos Evangelhos. Não podemos nunca passar ao lado das parábolas do Reino. Para Cristo, o essencial da sua mensagem aparece nas parábolas do Bom Samaritano (Lc 10, 25-37) e do Juízo Definitivo (Mt 25,31-46). O cruzamento destas duas parábolas inspira todo o ideal do Novo Testamento que nos propõe atitudes correspondentes às de Jesus Cristo: ‘Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei’ (Jo 15,12). A proposta prática vem-nos expressa no sumário do livro dos Actos dos Apóstolos quando apresenta a comunidade ideal, com um só coração e uma só alma, pondo tudo em comum’ (Act 2, 42 a 4,32).

A Doutrina Social da Igreja veio cimentar estas ideias e transformá-las em projectos de vida, nas diferentes áreas de intervenção humana. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja mostra as áreas essenciais da intervenção eclesial, inspiradas na Bíblia: O Conselho Pontifício ‘Justiça e Paz’ (CPJP) publicou, com original italiano, em 2004, o ‘Compêndio da Doutrina Social da Igreja’ (DSI), uma obra de referência que apresenta os resultados deste Conselho lançado pelo Papa Paulo VI. A edição portuguesa surgiu em 2005^{viii}. O Cardeal Ângelo Sodano, Secretário de Estado do Vaticano, nas palavras iniciais, afirma: *‘No decurso da sua história, e em particular nos últimos cem anos, a Igreja jamais renunciou – de acordo com a expressão do Papa Leão XIII – a dizer a ‘palavra que lhe compete’ sobre as questões da vida social^{ix}’*. A Igreja, com este documento que reúne as ideias principais do pensamento social cristão, quer *‘(...) propor a todos os homens um humanismo à altura do desígnio de amor de Deus sobre a história, um humanismo integral e solidário, capaz de animar uma nova ordem social, económica e política, fundada na dignidade e na liberdade de toda a pessoa humana, a realizar-se na paz, na justiça e na solidariedade^x’*.

Decisiva é também, à escala do planeta, a cooperação internacional para o desenvolvimento. Os países marcados pela pobreza e subdesenvolvimento precisam de ter acesso ao mercado internacional. E estão já identificadas outras causas que concorrem para a pobreza dos povos: *‘o analfabetismo, a insegurança alimentar, a ausência de estruturas e serviços, a carência de medidas para garantir o saneamento básico, a falta de água potável, a corrupção, a precariedade das instituições e da própria vida política. Existe uma conexão entre a pobreza e a falta, em muitos países, de liberdade, de possibilidade de iniciativa económica, de administração estatal capaz de oferecer um sistema adequado de educação e de informação^{xi}’*.

Manter a integridade da Criação é uma responsabilidade comum da humanidade. As autoridades têm de investir muito e tomar decisões corajosas que enfrentem riscos sanitários e ambientais. Também a programação do desenvolvimento económico

deve considerar atentamente a necessidade de respeitar a integridade e os ritmos da natureza, já que os recursos naturais são limitados e alguns não são renováveis^{xii}. O uso da biotecnologia tem de ser muito bem enquadrado e realizado à luz de critérios éticos (e não económicos ou políticos). Os tempos que correm exigem partilha dos bens da criação (mais justiça distributiva), mais solidariedade internacional e uma gestão racional e solidária da água. Há que investir em novos estilos de vida, mais simples, menos consumista. *‘A questão ecológica não deve ser abordada somente através das aterrorizantes perspectivas que a degradação ambiental perfila: ela deve traduzir-se, sobretudo, numa forte motivação para uma autêntica solidariedade de dimensão universal’* (Ibidem, p.306).^{xiii}

2... Sim, sendo Discípulos Missionários Felizes (EG), em Família, com estilo de vida simples...

‘Discípulos Missionários’ é uma expressão feliz que apareceu no Brasil, durante a Conferência dos Bispos Latino-Americanos, realizada em Aparecida em 2007. E sabe-se também que a redação do Documento Final é da autoria do Cardeal argentino Jorge Bergoglio, hoje Papa Francisco.

O Papa Francisco, na *‘Alegria do Evangelho’*, lançou ao mundo e à Igreja sete gritos: *‘Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!’ (EG 80).; ‘Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!’ (EG 83); ‘Não deixemos que nos roubem a esperança!’ (EG 86); ‘Não deixemos que nos roubem a comunidade!’ (EG 92); ‘Não deixemos que nos roubem o Evangelho!’ (EG 97); ‘Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno!’(EG 101); ‘Não deixemos que nos roubem a força missionária!’ (EG 109).*

D. António Couto, Bispo de Lamego, ao refletir sobre a *‘Alegria do Evangelho’*, numa publicação conjunta de todos os jornais e revistas da MissãoPress (publicações missionárias), cita o nº 120, que diz que *‘a Igreja de Cristo é formada por ‘discípulos missionários’ e não por ‘discípulos e missionários’, como se ‘missionário’ pudesse ser apenas um ornamento ou um acessório a apor ao ‘discípulo’. Não é um acessório mais ou menos facultativo, que se pode ter ou não ter, usar ou não usar. É por natureza que a Igreja é missionária’* (Ad Gentes 2).^{xiv}

O Cardeal Tolentino Mendonça, numa das suas crónicas no Expresso, aplaude a insistência do Papa Francisco para que a Igreja se assuma *‘como ‘Igreja em saída’, ‘uma Igreja que anuncia a alegria do Evangelho’, ‘uma Igreja que se debruça sobre as feridas da humanidade’, ‘uma Igreja que seja um hospital de campanha’, ‘uma Igreja pobre e aberta aos pobres’, ‘uma Igreja que não aprisione o Espírito’* ^{xv}.

Ser *‘discípulo-missionário’* exige inspiração e modelos^{xvi}. Maria, é o *mais perfeito e o Papa Francisco, no centenário de Fátima, foi claro quando disse que ‘sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do*

carinho'. E disse mais: 'a Igreja só brilha quando é missionária, acolhedora, livre, fiel, pobre de meios e rica no amor!'^{xvii}

Após longo e debatido caminho sinodal sobre a Família, o Papa publicou a *'Amoris Laetitia'* onde se diz que *'a família vive a sua espiritualidade própria, sendo ao mesmo tempo uma igreja doméstica e uma célula viva para transformar o mundo'^{xviii}*. E, mesmo a concluir, o Papa lança um estímulo: *'Famílias, avancemos; continuemos a caminhar! Aquilo que se nos promete é sempre mais. Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida'^{xix}*.

Ao lançar o Ano Missionário 2018/2019, os Bispos de Portugal convidaram a escutar e seguir o Papa Francisco: *'Com o 'sonho missionário de chegar a todos', o Santo Padre tem incentivado a ir às periferias, a ir até junto dos pobres, convidando os jovens a 'fazer ruído', a não 'ficarem no sofá' a verem a vida passar. Convida a Igreja a não ficar entre si sem correr riscos, mas a ter a coragem de ser uma Igreja viva, acolhedora, dos excluídos e dos estrangeiros. É necessário olhar a Evangelização como Cristo a aponta: como 'atração' e 'envio', após 'contágio', aceitando o 'todos, tudo e sempre em Missão' ^{xx}(CEP 2018).*

O Papa Francisco, na esteira do Vaticano II que proclamou a vocação universal à santidade, apresenta as Bem-Aventuranças (Mt 5, 1-12) como o bilhete de identidade do cristão, em contracorrente àquilo que se faz, habitualmente, na sociedade^{xxi}. Diz o Papa: *'Ser pobre de coração: isto é santidade' (GE 70); 'Reagir com humilde mansidão: isto é santidade' (GE 74); 'Saber chorar com os outros: isto é santidade' (GE 76); 'Buscar a justiça com fome e sede: isto é santidade' (GE 79); 'Olhar e agir com misericórdia: isto é santidade' (GE 82); 'Manter o coração limpo de tudo o que mancha o amor: isto é santidade' (GE 86); 'semear a paz ao nosso redor: isto é santidade' (GE 89); 'abraçar diariamente o caminho do Evangelho, mesmo que nos acarrete problemas: isto é santidade' (GE 94). Por fim, o Papa assume: *'no capítulo 25 do Evangelho de Mateus (...) encontramos precisamente uma regra de comportamento na base da qual seremos julgados' (GE 95).**

Há que investir num estilo de vida mais simples, generoso e fraterno e menos consumista e predador, como pede frequentemente o Papa Francisco. Ao abordar a *'Espiritualidade Ecológica'*, ele resume bem esta conversão a fazer, propondo um *'regresso à simplicidade que nos permite parar e saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos.(...).* A *sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora' (LS 222).*

Na Mensagem enviada às Obras Missionárias Pontifícias, o Papa quer mais confiança no Espírito Santo, pois Ele *'acende e guarda a fé nos corações' e 'inflama e anima a Missão'^{xxii}*. Apresenta a Missão a partir dos seus *'traços mais distintivos': 'atração; gratidão e gratuidade; humildade; facilitar, não complicar; aproximação à vida real; o 'sensus fidei' do povo de Deus; a predileção pelos humildes e pobres'...* eis os critérios ideais que o Papa propõe na linha do que já está escrito na *'Evangelium Gaudium'*. A estes valores, o Papa junta, como sinais de alerta, as *'armadilhas a evitar': 'autorreferencialidade; ânsia de comando; elitismo; isolamento do povo, abstração e funcionalismo'*. Depois, o Papa Francisco dá *'conselhos para o caminho':*

‘dar respostas a perguntas e exigências reais’; ‘captar os sinais do agir de Deus para, depois os indicar ao mundo inteiro’; não pode haver burocratas nem funcionários da missão’; ‘olhai para fora, não vos olheis ao espelho, quebrai todos os espelhos de casa’; evitem-se formas de assistencialismo que, em vez de oferecer instrumentos ao ardor missionário, acabam por alimentar na própria Igreja fenómenos de clientelismo parasitário’; a predilecção pelos pobres e pequeninos’. A conclusão é curta e directa: ‘Ide com entusiasmo: no caminho que vos espera, há tanto que fazer!’; ‘tende a prontidão de Maria que quando foi ter com Isabel não o fez por interesse próprio’^{xxiii}.

Tomas Halik publicou, em várias línguas, um opúsculo online^{xxiv} para reflectir sobre como as Igrejas vazias podem ser sinal e desafio de Deus. Insiste na ideia de uma Igreja como hospital de campanha. Diz: *‘Talvez este tempo de edifícios eclesiais vazios ponha simbolicamente em evidência os vazios escondidos nas Igrejas e o seu possível futuro – se não fizermos uma séria tentativa de mostrar ao mundo um rosto de Cristianismo completamente diferente’*^{xxv} E pergunta: *‘onde é a Galileia de hoje, onde podemos encontrar o Cristo vivo?’*^{xxvi}. A sugestão final de Halik é a de procurar Cristo entre as pessoas que procuram^{xxvii} e, desta forma, procurar uma nova identidade para o Cristianismo hoje.

O Conselho Presbiteral do Porto avançou algumas apostas pastorais pós-covid: *‘a valorização da família como Igreja doméstica, a emergência de uma pastoral digital e a necessidade de uma pastoral sócio caritativa capaz de responder com amor criativo à pandemia da pobreza para que ninguém fique para trás’*^{xxviii}

Sãos notáveis as intervenções do Papa escolhidas para o livro digital, publicado a 12 de maio com um título sugestivo: *‘La vita dopo la pandemia’*^{xxix}. Começa com a bênção urbi et orbi durante a Oração Extraordinária em tempo de epidemia (Praça de S. Pedro vazia, a 27 de março): *‘Porque tendes medo?’* e inclui, entre outras, as intervenções no domingo de Páscoa (*‘Como uma nova chama’*), no Domingo da Divina Misericórdia (*‘O egoísmo é um vírus ainda pior’*) e a entrevista dada à revista espanhola *‘Vida Nueva’* (*‘um plano para ressurgir’*). Em todos estes momentos, foi reafirmada a convicção de que estamos todos no mesmo barco e nos salvaremos ou afogaremos juntos.

3... Sim, com compromisso, arriscando tudo pela justiça, paz e direitos humanos, assumindo as dores do mundo de hoje

D. Tolentino Mendonça, no retiro espiritual que orientou ao Papa e à Cúria romana em 2018, citou alguns relatórios da ONU cujos números atentam contra a consciência da humanidade: três em cada dez pessoas não têm acesso à água potável, com tudo o que tal significa de atentado à sua dignidade. Este biblista e poeta recordou ao Papa e aos cardeais da Cúria que Jesus é um periférico: *‘Ele não era cidadão romano – não pertencia ao primeiro mundo de então – nem integrava a elite judaica. É verdade que nasceu em Belém, mas nuns arrabaldes ultraperiféricos, onde*

os pastores levam o gado, não dentro da cidade. E Nazaré que lhe dá o nome, é tão insignificante que é dos poucos lugares da Palestina que não vem nomeado em nenhuma parte do Antigo Testamento.(...). A improvável Galileia torna-se, contudo, o lugar preferencial do anúncio do Reino. (...). Recorde-se que a Galileia era não só uma terra de encruzilhada e de passagem, mas também uma periferia de Israel no tempo de Jesus; e o próprio Israel, por sua vez, era uma marginal periférica do império, mesmo se controlada pela dominação romana'. E conclui: 'A mensagem de Jesus parte, portanto, desse mundo periférico!'^{xxx}. Por isso – conclui o cardeal luso – aos que se espantam com o Papa Francisco por mobilizar o cristianismo para uma saída até às periferias, basta recordar que Jesus foi um periférico e é na periferia que o cristianismo tem um encontro marcado com o futuro.

A opção pelos pobres é decisiva para o presente e para o futuro da Igreja. Nesse sentido, o Papa lançou, a 13 de junho de 2017 (Solenidade de Santo António), o I Dia Mundial dos Pobres (que se celebraria a 19 de novembro). Diz: *'este Dia pretende estimular, em primeiro lugar, os crentes, para que reajam à cultura do descarte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro'*. E termina afirmando: *'os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do Evangelho'*^{xxxi}.

Nos votos natalícios à Cúria Romana, a 21 de dezembro de 2019, o Papa pediu renovação e comunhão. Ao falar do novo Dicastério do Desenvolvimento Integral, disse que *'o desenvolvimento tem lugar mediante o cuidado dos bens incomensuráveis da justiça, da paz e da proteção da criação. Concretiza-se no serviço aos mais frágeis e marginalizados, em particular aos migrantes forçados, que representam neste momento um grito no deserto da nossa humanidade(...). A Igreja está chamada a testemunhar que, para Deus, ninguém, é 'estrangeiro' nem 'excluído'*^{xxxii}.

Os Bispos de Angola, em nota pastoral, reflectiram sobre as consequências do covid na vida das pessoas e alertaram para dramas como a pobreza e a fome que se agravaram, a violência que cresceu e as desigualdades sociais gritantes que esta pandemia pôs ainda mais a nu, exigindo, no futuro um especial compromisso das autoridades: *'As deficiências que hoje notamos no sistema de saúde, a falta de água para todos e outras deverão figurar entre as prioridades, numa espécie de 'estado de emergência' permanente, embora sem confinamento social'*^{xxxiii}

D. Manuel Vieira Pinto, o lendário Arcebispo de Nampula, faleceu a 30 de abril de 2020. Cito um artigo de homenagem publicado por Anselmo Borges: *"Porque é que tu, que és Bispo, quando vens falar comigo, nunca me falas de Deus e da religião, mas do povo, da defesa dos seus direitos e da sua dignidade?", perguntou o Presidente Samora Machel a D. Manuel Vieira Pinto, arcebispo de Nampula. "Porque um deus que precisasse da minha defesa seria um deus que não é Deus. Deus não precisa que O defendam. O Homem sim", respondeu D. Manuel'*^{xxxiv}. É-lhe reconhecido o amor aos mais pobres, a quem se dedicou como Bispo Missionário em Moçambique. Sabendo que a liberdade e a democracia são bens maiores para os humanos, lutou até ao fim pela derrota do colonialismo e, depois, pela liberdade e democracia do povo. E, num contexto em que os missionários foram – por ordem presidencial - confinados às cidades, D. Manuel seria um dos pais da nova

estruturação pastoral em Moçambique, com a criação de uma Igreja ministerial, assente no compromisso dos leigos nas suas comunidades.

Os atentados à dignidade e aos direitos humanos merecem da Igreja um compromisso radical. Em 2009, a União Internacional das Superiores Gerais, em Roma, criou a Rede Talitha Kum contra o tráfico humano. Este constituiu uma das violações mais frontais dos direitos humanos e uma das maiores fontes de lucro à escala do planeta, a par dos tráficos de armas e de droga. A Presidente da Talitha Kum, a Irmã Gabriella Bottani, comboniana italiana, fala destas escravaturas modernas que podem atingir 40 milhões de pessoas: *‘nunca tivemos tantos escravos no mundo como hoje. A escravidão afecta, principalmente, os grupos que se encontram em situação de vulnerabilidade que é explorada. É o caso dos migrantes e das minorias étnicas, das mulheres e das crianças: tem o tráfico para exploração sexual, o tráfico para casamentos forçados, o tráfico para trabalho escravo, para a servidão dentro do contexto doméstico’*^{xxxv}. E acrescenta: esta pandemia ainda agravou mais este drama e é muito difícil e arriscado denunciar estes tráficos.

Igual descida às periferias e margens das nossas sociedades é feita por instituições que nasceram para o compromisso em favor dos mais pobres. Aqui em Roma, o nome mais sonante é o da Comunidade de Santo Egídio, fundada em 1968, em contexto universitário, por Andrea Riccardi. Escreve: *‘A regeneração da Igreja e da vida cristã parte precisamente da paixão pelas periferias e pelos periféricos, bem como da redescoberta da alegre tarefa de viver e comunicar o Evangelho na periferia’*^{xxxvi}. Trabalha muito com os ‘sem abrigo’ e outras pessoas pobres e tem-se destacado pelo contributo dado à pacificação de países em guerra, como foi o caso de Moçambique.

Estes tempos de covid 19 geraram mais miséria e isolamento, fragilizando ainda mais os que já estavam nas periferias e margens. O Papa Francisco recordou-o em todas as suas intervenções por ocasião da Páscoa, vivendo – no dizer de Alfredo Teixeira – *‘momentos inéditos: estou a lembrar-me das cerimónias presididas pelo Papa, sozinho, numa Praça de S. Pedro vazia(...)’. Foi uma espécie de metamorfose da experiência de solidão como experiência de comunhão(...) com uma relação de grande intimidade com todas as pessoas que estão a viver uma experiência semelhante*^{xxxvii}.

Há um direito humano fundamental que estes tempos de covid, em alguns lugares, violaram gravemente: o direito da família e dos amigos se despedirem dos seus mortos, fazendo o funeral e o luto. Sociólogo, Alfredo Teixeira, recorda *que ‘os ritos funerários são dos ritos mais persistentes nas sociedades’*. E, ao avaliar o facto dos funerais e dos velórios terem sido proibidos, aponta o dedo: *‘julgo que será, com certeza, uma das zonas mais sombrias desta experiência’*^{xxxviii}.

Finalmente, uma referência rápida à Mensagem do Papa para o Dia Mundial da Paz de 2020^{xxxix}. A esperança dá asas para continuar em frente, mesmo quando os obstáculos parecem intransponíveis. Refere o drama das muitas violências instaladas, frutos da perversão das relações humanas, que abatem os projectos de fraternidade.

É evidente para o Papa a urgência da conversão da economia e do coração. Há que abandonar sistemas económicos que matam os mais frágeis, cavando um fosso cada vez mais profundo entre ricos e pobres. Por isso, parece claro que *‘a cultura do encontro entre irmãos e irmãs rompe com a cultura da ameaça’*, fazendo de nós – com a força do Espírito Santo – *‘artesãos de justiça e paz’*.

Há ainda duas outras ideias-chave que a mensagem do Papa reforça. Francisco lembra-nos que *‘o caminho da reconciliação requer paciência e confiança’*. E, finalmente, há que dar um lugar especial à nossa Fé: *‘devemos procurar uma fraternidade real, baseada na origem comum de Deus e vivida no diálogo e na confiança mútua’*^{xl}.

4... Sim, sempre em ‘ecologia integral’, apostando na aplicação da ‘Laudato Si’ e ‘Querida Amazônia’

Foi há cinco anos e fez-se história na Igreja^{xli}. Pela primeira vez, um Papa publicava uma encíclica sobre ecologia. As reacções não se fizeram esperar, tal a novidade do tema e a frontalidade com que alguns assuntos estão ali tratados. Uns abraçaram-na de alma e coração, outros ainda estão com azia por discordarem das reflexões e das propostas de futuro ali gravadas. Correu muita tinta e, curiosamente, este documento deitou abaixo todos os muros da Igreja, a ponto de meio mundo o comentar, em contextos políticos, económicos, religiosos e académicos. *‘Laudato Si’* tem enchido os media e sido citada em parlamentos, discursos presidenciais, obras de renome, conferências, manifestações culturais e sociais....

O Papa Francisco coloca as pessoas no epicentro da ecologia. Uma verdadeira ecologia – diz a *Laudato Si* – tem de começar pelo mais importante: amar os pobres, integrar os excluídos, visitar as periferias e margens, cuidar dos frágeis. E, claro, para que esta missão tenha sucesso, é necessário respeitar a natureza, nos seus ritmos, não poluindo nem os solos, nem as águas nem os ares, reciclando, reutilizando, plantando árvores, evitando incêndios, tratando águas sujas e residuais, caminhando para uma economia ‘verde’ no sentido mais profundo do termo. Em suma, *‘não há duas crises, uma ambiental e outra social: mas a única e complexa crise sócio-ambiental’*^{xlii}. Foi isto que o Papa defendeu e continuamente repete. O texto da LS ainda está quase todo por cumprir, mas é uma colaboração enorme para a construção do futuro. A convicção do Papa é dupla: na Criação de Deus, tudo está interligado (LS 240); a Terra é a nossa Casa Comum. Na verdade, sem fraternidade (Deus criou-nos irmãos) não há ecologia que resista e a Terra tornar-se-á inabitável muito em breve.

Para completar a *Laudato Si*, chegou antes do covid a *‘Querida Amazônia’*^{xliii}(02.02.20). É fruto de um sínodo, mas também de um longo caminho percorrido e de alertas mundiais que a *Laudato Si* lançou. Este documento do Papa Francisco assenta em quatro grandes sonhos: um sonho social, um sonho cultural, um sonho ecológico, um sonho eclesial. Diz: *‘O Senhor, que primeiro cuida de nós, ensina-nos a cuidar dos nossos irmãos e irmãs e do ambiente que Ele nos dá de prenda cada*

dia' (QA 41). E termina: '*Como cristãos, une-nos o mandamento novo que Jesus nos deixou, a busca de uma civilização do amor, a paixão pelo Reino que o Senhor nos chama a construir com Ele. Une-nos a luta pela paz e pela justiça (...). Como não lutar juntos?*' (QA 109-110).

Hoje, a *Laudato Si* ainda tem mais actualidade, como se pôde concluir na '*Semana Laudato Si*', proposta para, de 16 a 24 de maio de 2020, celebrar os cinco anos desta Encíclica Social: é urgente respeitar a natureza e amar os pobres. Há que investir na globalização da solidariedade.

No Dia Mundial da Terra (22 de abril), as televisões abriram e fecharam noticiários com reportagens deliciosas a mostrar a beleza que o planeta recuperou, mesmo que o balanço dos últimos tempos fosse negativo. Disse o Papa: '*Por causa do nosso egoísmo, falhamos o compromisso de cuidar da terra*'^{xliv}. Disseram os mais optimistas que o mundo estava a mudar, que nada seria como antes, que opções ecológicas iriam salvar o mundo, após esta experiência covidiana. Mas há grandes deste mundo que, seguindo a sua agenda de interesses, querem fazer uma viagem de regresso ao passado poluidor e destruidor da mãe natureza e dos seres humanos mais frágeis, sem mudar uma vírgula nas práticas que conduziram o mundo à boca do abismo. E o pior é que a crise económica profunda que o covid gerou vai obrigar a recuar em decisões históricas como aquela que fora tomada pela União Europeia em dezembro de 2019 e que parecia ser uma excelente prenda de natal: o pacto ecológico europeu. A Presidente da Comissão Europeia pediu, nessa altura, que os Europeus mudassem o estilo de vida para melhor proteger o ambiente, a fim de que a Europa seja o primeiro continente a atingir a neutralidade carbónica! Ora, depois da chegada do covid, este objectivo tornou-se mais difícil de alcançar!^{xlv}.

Contudo, este vírus provou que poderíamos viver de outra maneira e temos razões para acreditar num futuro mais limpo, mais ecológico, mais fraterno. Para tal, o Papa criou a '*Covid19 Vatican Commission*'^{xlvi} para ajudar a Igreja e o mundo a não repetir os erros da crise de 2008, evitando que os pobres sejam sempre os mais atingidos.

Temas como o das alterações climáticas ou da agenda verde já não escapam a nenhuma reunião internacional, quer se seja a favor ou contra. É cada vez menor o número de indiferentes, dada a urgência destas questões vitais. Acompanhamos – é verdade – cimeiras da ONU e outras que mostram como os interesses económicos estão acima da defesa dos direitos das pessoas a viver numa terra sadia. Mas, já havia muitas decisões tomadas ao mais alto nível para que a era dos fósseis fosse dando lugar às energias renováveis e para que o descartável e poluente fosse cedendo o posto ao reciclável e limpo. Com a paragem quase total das fontes de poluição, desde fábricas até à circulação de aviões e automóveis, o Covid explicou em dois meses o que alguns políticos e empresários levaram anos a compreender: a poluição diminui muito quando somos menos agressivos e respeitar a natureza traz qualidade de vida às pessoas. Mas, com a crise económica e a necessidade urgente de protecção, o Covid trouxe de regresso o plástico (máscaras, luvas, fatos protectores, etc), o descartável, bem como a pressão sobre os governos para criação ou manutenção de postos de trabalho, implicando o apoio a toda a espécie de empresas, mesmo as mais poluentes, colocando a agenda verde na gaveta.

Como foi o ‘normal’ que trouxe o mundo até aqui, são muitas as vozes que se levantam para que o pós-Covid não permita um regresso puro e duro a esse ‘normal’. É impressionante a quantidade de cientistas, políticos, sociólogos, filósofos, jornalistas, teólogos, economistas... que pedem o cumprimento do pacto ecológico europeu, assinado a 11 de dezembro de 2019, bem como exigem o aprofundamento de uma agenda verde, na linha das propostas da ‘*Laudato Si*’ e da ‘*Querida Amazônia*’, mesmo quando estes documentos não são citados.

Momento mediático relevante, aconteceu em França a 7 de Maio de 2020. O jornal ‘*Le Monde*’ dava honras de capa e atribuíra três páginas aos ‘Dez Princípios por um mundo novo’, propostos pela Fundação Nicolas Hulot, um antigo ministro de Macron e um ecologista militante^{xlvii}. Juntou a ele cientistas, jornalistas, sindicalistas, artistas, gestores, teólogos, economistas (um deles, o jesuíta Gael Giraud, que teve a oportunidade de escutar numa conferência que proferiu na Universidade Gregoriana sobre estas temáticas ecológicas)... e foi inspirar-se em Nelson Mandela que, em 1994, pronunciou um discurso em que retomava esta expressão: ‘*chegou o tempo de...*’. Ora, os cem princípios de Nicolas Hulot começam todos por esta expressão deste líder sul africano. Trata-se de uma centena de propostas, algumas mais fáceis de concretizar que outras, mas todas decisivas. Cito a primeira ‘*Chegou o tempo de assentarmos, juntos, as primeiras pedras de um mundo novo*’... e a 69.^a: ‘*Chegou o tempo de aprender a viver mais simplesmente*’. Neste mesmo contexto, é publicado o apelo conjunto de 200 artistas e cientistas com o título: ‘*Não a um regresso ao normal!*’^{xlviii}São contestadas as práticas do consumismo, da poluição, do aquecimento e destruição do planeta, as desigualdades sociais gritantes. Estes cientistas e artistas consideram corajosa esta transformação radical da nossa forma de viver no futuro, mas definem-na como uma questão de sobrevivência, de dignidade e de coerência.

A pandemia vai embora e não pode deixar só um rasto de morte e economias destroçadas, à espera de populismos fundamentalistas para pôr tudo como dantes. Pedro Abrunhosa e Carolina Deslandes cantaram e encantaram durante a epidemia, gritando bem alto que ‘*não estamos sós na tempestade*’. Com mais de 100 mil visualizações no Youtube (publicado a 6 de maio de 2020), ao falar dos próximos tempos pós-Covid, pedem uma salvação por inteiro porque ‘*do futuro ninguém quer só metade!*’. E, não podendo dar abraços físicos, os cantores pedem ‘*abraços por dentro*’, com a confiança de que ‘*vamos estar juntos na bonança!*’.

Por ocasião do 5º aniversário da *Laudato Si*, celebrou-se a ‘*Semana Laudato Si*’ (16 a 24 de maio, com muitas videoconferências e publicações) e 42 Instituições Religiosas de várias denominações anunciaram o seu desinvestimento em combustíveis fósseis, como oportunidades para a humanidade. O Ex-Primaz da Igreja Anglicana, Rowan Williams, afirmou nessa ocasião que ‘*devemos extrair ensinamentos desta crise do Covid também para as mudanças climáticas*’. Também Tomás Insua, director executivo do Movimento Católico Global para o Clima, defendeu que cada dólar investido em combustíveis fósseis é um voto de sofrimento.

O Papa Francisco, no ‘Regina Coeli’ da Ascensão (o primeiro evento com povo na praça de S. Pedro, depois do seu encerramento), assinalou o quinto aniversário desta sua encíclica ecológica e social, lançando um ano especial para ‘*chamar a atenção para o grito da terra e dos pobres*’^{xlix}.

Ao fazer a avaliação destes cinco anos da LS, Luísa Franco, referiu as cinco mudanças que a encíclica provocou: a criação do novo dicastério romano para o desenvolvimento integral; a proclamação do ‘pecado ecológico’; a união das Igrejas cristãs em torno do cuidado da criação; o diálogo com o mundo inteiro através do Sínodo sobre a Amazónia e da iniciativa ‘a Economia de Francisco’; e os movimentos juvenis pelo cuidado da casa comum.¹

Voltando à ‘*Laudato Si*’, o Papa Francisco diz que a política não se pode submeter aos interesses económicos. Devemos aceitar consumir menos e ousar converter o modelo de desenvolvimento global: *‘Trata-se simplesmente de redefinir o progresso. Um desenvolvimento tecnológico e económico que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não se pode considerar progresso’* (LS 194). Tudo isto porque *‘o amor social é a chave para um desenvolvimento autêntico’* (LS 231).

5... Sim, inspirados por jovens com visões e mais velhos com sonhos

‘Somos todos titulares’. A expressão é desportiva e foi lançada, em forma de desafio, aos muitos milhares de jovens que participaram nas Jornadas Mundiais da Juventude em Cracóvia. O Papa Francisco disse-lhes que eles não podiam viver sentados num sofá ou nas bancadas ou banco de suplentes dos estádios. Não! Os jovens vão sempre a jogo e são titulares! Disse: *‘Queridos jovens, não viemos ao mundo para ‘vegetar’, para transcorrer comodamente os dias, para fazer da vida um sofá que nos adormeça; pelo contrário, viemos com outra finalidade, para deixar uma marca. É muito triste passar pela vida sem deixar uma marca. Para seguir Jesus, é preciso ter uma boa dose de coragem, é preciso decidir-se a trocar o sofá por um par de sapatos que te ajudem a caminhar por estradas nunca sonhadas e nem mesmo pensadas, por estradas que podem abrir novos horizontes, capazes de contagiar-te de alegria, aquela alegria que nasce do amor de Deus, a alegria que deixa no teu coração cada gesto, cada atitude de misericórdia. O tempo que estamos hoje a viver não precisa de jovens-sofá, mas de jovens com os sapatos, ainda melhor, com as chuteiras. Este tempo aceita apenas jogadores titulares em campo, não há lugar para reservas. O mundo de hoje pede-vos para serdes protagonistas da história, porque a vida é bela desde que a queiramos viver, desde que queiramos deixar uma marca. Jesus convida-te, chama-te a deixar a tua marca na vida’*¹ⁱ.

O Papa marcou um Sínodo sobre os jovens, a Fé e o discernimento vocacional e promoveu uma Reunião pré-sinodal (Roma, 19-24 de março de 2018), com cerca de trezentos jovens provenientes dos cinco continentes, bem como de outros quinze mil jovens por meio das redes sociais. Neste Pré-Sínodo participou Rui Teixeira, um jovem português que, num artigo publicado por toda a MissãoPress^{lii}, partilhou o evento, recordando que foi a primeira vez na história da Igreja que um Papa convocou um pré-Sínodo. Salientou a sessão solene de abertura com a presidência do Papa: *‘300 jovens encontraram-se frente a frente com o Papa. Pediu-se uma reflexão franca*

sobre as realidades e as questões que preocupam os jovens e um diálogo ‘sem filtros’ inter-pares com a hierarquia’^{liii}.

O Documento Final do Sínodo (DFS), realizado de 3 a 28 de outubro de 2018^{liv}, estrutura-se a partir de textos dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35). Na 1ª parte são apresentados as alegrias, os dramas e os desafios com que os jovens se confrontam (DFS 6-57). Na 2ª Parte, pretende-se que a compaixão que Jesus tinha pelos mais frágeis seja vivida pelos jovens hoje (DFS 58 -113). A última parte, remete para a urgência da missão onde as grandes questões estão presentes: solidariedade, justiça, Ecumenismo, diálogo Inter-Religioso, doutrina social da Igreja, ecologia, paz, ambiente digital, voluntariado, migrantes, solidariedade... (DFS 114 -164)

A Exortação Apostólica Pós-Sinodal que o Papa Francisco publicou com o sugestivo título ‘*Cristo vive!* (CV)^{lv}’ é ponto de chegada de um longo caminho, mas pretende ser um ponto de partida em direcção ao futuro da Igreja e da Missão. ‘*Cristo vive, Ele quer-te vivo!*’ é o grito inicial do Papa (CV 1). O Papa recorda que Cristo exerceu a sua Missão como jovem e faleceu com apenas trinta e três anos. Maria foi convidada por Deus para ser a Mãe de Jesus na sua juventude. A Bíblia e a História da Igreja estão cheias de outros jovens que marcaram e continuam a ser hoje referência e inspiração para as novas gerações (Cf. CV 14-29).

O desafio à Missão é constante: uma Igreja jovem precisa de jovens comprometidos, dispostos a dar a vida pelas causas que abraçam, pelos projetos em que acreditam. Eles podem e devem ter mais vez e mais voz na Igreja para que ela não envelheça, cristalize e aprisione o Espírito, fonte de criatividade e rasgo^{lvi}:

O ambiente digital tomou conta dos tempos que correm. A internet e as redes sociais são a ‘praça’ onde as novas gerações se encontram e formam. Ali se geram compromissos de cidadania responsável, mas também se criam espaços de solidão, de mentira (fakenews), de violência (cyberbullying), de exploração, de dependências (Cf. CV 86-90).

O Papa Francisco pede que se olhe para os migrantes (muitos deles jovens) como uma oportunidade e não uma ameaça, pois as suas histórias falam de encontro entre pessoas e entre culturas (cf. CV 91-94).

Os jovens não podem ficar na sacada a olhar para a vida que passa na estrada. Não podem ficar sentados no sofá. Não podem ser carros estacionados. É preciso arriscar, sair, jogar, fazer-se à estrada, ousar, viver! (Cf. CV 143). Sempre conectados com Cristo e empurrados pelo vento do Seu Espírito.

O apelo principal do Papa é ao compromisso solidário com os mais pobres, os que vivem nas periferias e nas margens (Cf. CV 74-78 e 170-174). Há um convite à Missão, projeto corajoso que já cativa muitos jovens hoje (Cf. CV 175-178 e 239-241).

O capítulo ‘*Jovens com raízes*’ fala da importância da cumplicidade de vida e missão e a aprofundar entre jovens e pessoas idosas (Cf. CV 179-201).

Há também um pedido do Papa para que se rasguem novos e mais dilatados horizontes que levem ao diálogo ecuménico, inter-religioso e com pessoas que se afirmam não crentes (Cf. CV 235).

E para concluir... um desejo: 'O Espírito Santo vos impulse nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. Fazeis-nos falta!' (CV 299).

Lisboa vai receber em 2023 as Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ). Devia receber os símbolos das JMJ das mãos do Papa, no Domingo de Ramos em Roma. O covid adiou para o Cristo-Rei esta entrega, mas o Cardeal Tolentino Mendonça mandou pela internet a conferência que devia fazer às centenas de jovens portugueses que viriam a Roma. Tratou o tema previsto para 2020: '*Jovem, Eu te digo, levanta-te!*' (Lc 7,14). Começou por lembrar que o 'levantar' está ligado ao 'ressuscitar'. O cardeal Tolentino falou do 'estilo de Jesus', atento, comovido com os dramas alheios, rompendo com a 'ditadura da indiferença'. De seguida, apresentou as quatro ações presentes no texto: '*avizinhou-se*', '*tocou*', falou: '*Jovem, eu te digo*', continuou a falar: '*deixa-te ser levantado!*'. A vida só serve se nós estamos dispostos a servir os outros, mesmo que seja preciso arriscar a vida. É preciso dizer – como pediu o Papa – sim ao amor, sem 'ses' nem 'mas', como fez Jesus por nós, pois o nosso coração não pode ficar prisioneiro do confinamento^{lvii}.

A profecia de Joel sobre as visões dos jovens e os sonhos dos velhos (Joel 3,1) apontam para a urgência de conjugar cada vez melhor a sabedoria da idade com a vitalidade e ousadia da juventude. O Cardeal Tolentino, em plena pandemia, pediu a reconciliação das sociedades europeias com a velhice que, grosseiramente, representamos como um peso para a sociedade, quando são, nas famílias e em certas instituições, uma enorme reserva de sabedoria, amor e gratuidade. E lança um alerta à navegação: '*se os velhos são reduzidos a números, e a números com escassa relevância humana e social, podemos até superar aiosamente a crise sanitária, mas sairemos diminuídos como comunidade*^{lviii}.

Em defesa dos idosos, saiu a terreiro a Comunidade de Santo Egídio com um Apelo mundial publicado a 23 de maio: '*Sem idosos não há futuro. Apelo para rehumanizar as nossas sociedades. Não a cuidados de saúde selectivos*^{lix}'. Esta espécie de 'Petição Pública' foi lançada como alerta porque os idosos da Europa estão em perigo por causa da cultura do descarte. Diz: '*Não é possível deixar morrer a geração que lutou contra as ditaduras, trabalhou pela reconstrução após a guerra e construiu a Europa*'. Este texto, publicado em diversas línguas, é assinado por Andrea Riccardi (fundador da Comunidade), Romano Prodi, Manuel Castells, Cardeal Matteo Zuppi, Jurgen Habermas, Luís Miguel Cintra e Alice Vieira, entre muitos outros.

6... Sim, apostando no Diálogo Ecuménico, Inter Religioso e Inter Cultural como horizonte

O diálogo tornou-se decisivo para o presente e o futuro da humanidade. As pessoas crentes, sobretudo boa parte das suas lideranças, já tomaram consciência desta urgência. Os católicos vivem o diálogo em diversas frentes: com os seus irmãos cristãos (Ecuménico), com os crentes de outras Religiões (Inter Religioso) e com pessoas que dizem não professar qualquer credo (Inter Cultural).

Em relação ao diálogo ecuménico, é já longo o caminho percorrido. E muito está escrito acerca deste caminho feito em comum por cristãos de diferentes confissões. Mais incipiente (e, por isso, mais urgente) estão o diálogo Inter Religioso e o diálogo Inter Cultural.

Em dezembro 2018, fui a Zanzibar, uma Ilha tanzaniana com uma longa e triste história de tráfico de escravos. É 99% muçulmana, mas as pequenas comunidades cristãs e hindus são respeitadas. O bispo católico, D. Augustine Shao, é Missionário do Espírito Santo e, por isso, ali se organizou o Fórum Espiritano sobre Diálogo Inter Religioso^{lx}, de 3 a 9 de Dezembro. Na altura, escrevi: *‘Que têm de comum um Espiritano que trabalha no coração da guerra na República Centro Africana e outro que está no Bairro de Molembeek, numa periferia social e cultural de Bruxelas, tristemente conhecido por ser o ‘ninho’ do terrorismo na Europa? E um Espiritano que trabalha no Paquistão e outro que vive no norte dos Camarões? E ainda um que está na Maurítânia e outro que trabalha na Índia? Um que trabalha no norte do Congo e outro que está nas Filipinas? A resposta é simples: estes e muitos outros Espiritanos trabalham em contextos onde o DIR é absolutamente fundamental para a sua Missão^{lxi}.*

Vinte e seis Espiritanos, dos cinco continentes, partilharam, reflectiram, rezaram e tentaram rasgar alguns caminhos novos de futuro para a Missão no século XXI. A Mensagem Final está cheia de alegrias, alertas, partilhas felizes, esperanças, mas também angústias. Alegria e esperança porque há cada vez mais gente a trabalhar em contextos de DIR e um longo caminho foi já percorrido. Angústias e medos porque a perseguição aumenta, as guerras e violências com invocação do nome de Deus são cada vez mais frequentes, o fechamento de alguns países aos missionários é real... Mas este caminho não tem alternativa e há que ir por aí, mesmo que, em muitos contextos, pareça que só os cristãos estão abertos ao diálogo.

Pouco tempo depois de Zanzibar, Abu Dhabi veio reforçar a convicção da Igreja acerca da importância decisiva do DIR. O Papa Francisco recebeu o convite para a Conferência sobre a Fraternidade Humana, feito pelo Sheik Amad Al Tayyeb para 4 de fevereiro de 2019. Na sua conferência, ressaltou os valores da paz, da justiça, da tolerância, de uma educação aberta, da construção de pontes em vez de muros. Pediu liberdade e reconhecimento para as minorias religiosas estrangeiras. E, no fim, assinou a Declaração de Abu Dhabi onde estes valores estão escritos. Foi muito interessante ver sentados à mesma mesa líderes cristãos, muçulmanos, hindus, budistas e judaicos.

Francisco de Assis foi, há 800 anos, ao encontro do Sultão do Egipto. Oito séculos depois, repetiu-se a afirmação de que as religiões têm de unir os seus esforços para garantir a paz e a liberdade; a convicção partilhada e dita de que as Religiões devem ajudar as sociedades a amadurecer a capacidade de reconciliação, a visão da esperança e os itinerários concretos de paz.

Ainda nesse mês de fevereiro, o Papa visitou Marrocos. Sempre com a convicção de que a oração e o diálogo devem derrotar a guerra, o armamento, os muros e a miséria dos povos. E mais: só o respeito e a tolerância abrem caminhos ao amadurecimento espiritual que beneficia toda a sociedade. A partir da fraternidade humana e da fé é possível construir um mundo com mais justiça, paz e respeito pelos direitos das pessoas. Zanzibar e Abu Dhabi são apenas nomes geográficos, mas os encontros que lá se realizaram deixarão marcas para o futuro da humanidade. Também podemos juntar a estas visitas, as que mais recentemente o Papa realizou ao Japão e à Tailândia.

O Diálogo InterCultural está muito presente na aceitação que o Papa faz de conceder entrevistas a pessoas do mundo da cultura que se afirmam agnósticas. Refiro apenas o caso de Dominique Wolton, sociólogo francês de renome mundial, que é director de investigação no Centre National de Recherche Scientifique, a maior instituição de investigação científica de França e uma das mais importantes do mundo. Na obra 'Um futuro de Fé', são discutidos e partilhados os grandes temas que marcam a actualidade, desde o capitalismo à família, das minorias e refugiados às desigualdades sociais, do fundamentalismo religioso às reformas em curso na Cúria romana. Há uma convicção afirmada de que o diálogo abre as portas a um futuro mais inclusivo.^{lxii}

Dentro do mundo do agnosticismo actual, o nome de Yuval Noah Harari tem lugar cativo. É um autor best seller, judeu a viver em Jerusalém, que escreveu, nos últimos anos, três obras muito traduzidas: '*Homo Deus*', '*Sapiens*' e '*21 Lições para o século XXI*'. Esta última obra, publicada em 2018^{lxiii}, cita o bom samaritano (p.83) e afirma que '*o Papa Francisco lidera a luta contra o aquecimento global, em nome de Cristo (como se vê na sua encíclica Laudato Si*' (p.161). Reconhece que '*ao unir as pessoas, os credos religiosos possibilitam a cooperação humana em grande escala*' (p.272). E espantou-me quando escreveu: '*(...)uma crença forte num Deus compassivo que nos manda dar a outra face, pode ajudar a conter a raiva. Esse foi o enorme contributo da fé religiosa para a paz e a harmonia no mundo*' (p.234).

Em contexto de pandemia, o jornal '*Le Monde*' convidou Harari para reflectir sobre o momento que o mundo atravessava e ele escreveu que, além de serem vítimas das consequências do coronavírus, as pessoas sofrem do facto de desconfiarem umas das outras^{lxiv}. E partilhou a convicção de que, olhando para a forma como o mundo combateu as pandemias do século passado, só através da solidariedade internacional se resolverá o impacto do covid 19.

14 de maio de 2020 ficará para a história como um Dia em que Muçulmanos, Cristãos e crentes de outras Religiões se uniram para um dia de Oração, Jejum e Caridade contra o Covid 19. António Guterres, Secretário-Geral da ONU, associou-se. Este dia é um grande marco para o Diálogo Ecuménico e Inter Religioso (cf. www.ecclesia.pt, 14.05.2020).

7... Sim, com perguntas abertas e boas notícias, atacando as 'fake news'

O Concílio Vaticano II pediu (*'Inter Mirifica'*, 1963) e o Papa Paulo VI cumpriu: em 1967 foi celebrado o I Dia Mundial das Comunicações Sociais. Daí para cá, sempre o Papa escreveu, para esta Jornada, uma mensagem forte e interpelativa, mostrando os pontos fortes e os pontos fracos da utilização dos media. A Missão também se escreve, mostra-se, 'posta-se', partilha-se ... mas, sobretudo, vive-se, testemunha-se com convicção. Quem tem horizontes curtos e não cultiva a memória também não pode ter convicções profundas nem mentalidade aberta.

A Paulus Editora, em 2016, publicou as 50 Mensagens que os Papas tinham escrito para este Dia. Estudei-as num artigo já publicado em *'Igreja e Missão'*^{lxv}. Verifiquei, nessa investigação que os media evoluíram muito ao longo deste meio século. Eles vieram para ficar, forjam uma nova cultura e lançam desafios enormes à Igreja que, melhor ou pior, também os vai utilizando na sua Missão de anunciar os valores gravados nas páginas dos Evangelhos. E é sempre bom recordar que a palavra *'Evangelho'* foi tirada do dicionário grego e quer dizer *'Boa Notícia'*!

Não são fáceis nem pacíficas as relações entre a Igreja e os Media ao longo da história. As novidades metem sempre medo e levantam ondas de suspeição. Além do mais, as más notícias (que colhem mais audiência, regra geral, que as boas notícias!) entram facilmente em rota de colisão com a *'Boa Notícia'* que é o *'Evangelho'*.

Na Mensagem para 2020 (www.vatican.va), o Papa Francisco apontou valores de fundo: sapiência, coragem, paciência e discernimento. Convidou as pessoas a olhar a realidade com os óculos da verdade e do amor.

As tecnologias da comunicação são poderosas, mas não são nem inocentes nem inócuas. Geram uma nova cultura. Veiculam conteúdos e prestam serviços. Partilham o que se passa no mundo, permitem a interconectividade, mobilizam para a solidariedade. Mas também induzem em erro, convidam e arrastam para práticas criminosas. Por elas passam muitos dos tráficos humanos. A pornografia tem ali campo aberto para se espalhar. Há *'hackers'* que entram em contas bancárias ou conseguem documentos privados para fazer chantagem, extorquir dinheiro ou destruir a vida de pessoas e instituições... Temos que entrar nesta *'cultura mediática'* para saber navegar nela...

E pior estamos quando – por opção deliberada de pessoas e organizações – se inventam notícias para atingir determinados objectivos. Dou exemplos: o jornal *'Público'*, a 6 de maio de 2020, divulgou que já foram difundidas mais de 2700 notícias falsas sobre o covid'. Não podemos alinhar em *'fake news'*, essas notícias falsas e maldosas que podem deitar tudo a perder. Em muitas publicações, o nível de falsidade é sofisticado e profundo (*'deepfake'*). Como cristãos, cruzaremos sempre as verdades gravadas nas páginas dos Evangelhos com os resultados da ciência que é fruto dos talentos que Deus distribui pelos humanos para eles os porem a render.

Nesta era da internet, com as suas tecnologias de ponta, aplicações de todas as qualidades e feitios, redes sociais que nos transportam a todo o mundo em segundos, há que estar de olhos bem abertos para discernir o que aproxima corações e o que destrói relações e vidas. Há que gerar mais justiça social, pois o mundo

começa a dividir-se entre os info-ricos e os info-pobres, ou seja, entre os que acedem às tecnologias da comunicação e os que dela são excluídos. Dominique Wolton, ao tentar caracterizar os nossos dias, diz que a palavra chave do nosso tempo é *'conectado'*. E pergunta, com cinismo, : *'desconexão – será a palavra símbolo do séc. XXI?'*^{lxvi}. Para *Wolton*, estudioso das questões de comunicação, é importante estar alerta contra as dependências que as tecnologias provocam, com a adição a máquinas e programas que não nos permitem desligar. As redes sociais, os chats, os jogos podem desligar-nos do resto da vida e do mundo.

Com o Papa Francisco chegou à notoriedade um jesuíta-jornalista-professor italiano que lançou, há anos, a cadeira de Ciberteologia na Universidade Gregoriana, em Roma: o P. António Spadaro, que se tornou mais conhecido quando fez história, ao publicar a primeira entrevista que um Papa concedeu aos media. A Ciberteologia pretende ajudar a pensar o cristianismo na era da internet^{lxvii}. O Cardeal Tolentino Mendonça, coordenador da colecção que editou a versão portuguesa deste pequeno manual, recorda que, na era da internet, o problema maior é o da descodificação da mensagem. A pergunta é: *'o que nos está a ser dito?'*. Explica: *'Dia a dia, sobrepõe-se um problema maior: a crise da interpretação. Isto é, a falta de um saber partilhado sobre o essencial, sobre o que nos une, sobre o que pode alicerçar, para cada um enquanto indivíduo, e para todos enquanto comunidade, os modos possíveis de nos reinventarmos'*.^{lxviii}

Os tempos de distanciamento social mostraram à Igreja que os media são uma porta aberta ao mundo. E precisamos de os conhecer, saber utilizar, perceber as enormes potencialidades e bens, mas também é fundamental ganhar a sabedoria suficiente para nos precavermos dos seus eventuais malefícios. Multiplicamos transmissões televisivas e por internet, disponibilizamos textos, orações, cânticos, reflexões nas plataformas digitais. Mas também fizemos circular muito 'lixo', 'fake news' com roupagens religiosas que enganaram muita gente mais desprevenida. Como disse o Conselho Presbiteral de Braga durante a pandemia: *'Sabemos bem que não se trata apenas de transferir 'o que sempre fizemos' para novos meios que as possibilidades técnicas nos oferecem. Mas de sabermos habitar, tanto o 'continente digital' como todos os contextos humanos e existenciais que exigem linguagens e formação que precisamos de aprofundar'*^{lxix}.

. Temos a obrigação moral de afastar para bem longe de nós todos os fundamentalismos e integristas que nos embaciam a visão e nos fazem míopes e agressivos.

Há que aceitar o humor como uma das atitudes fundamentais no combate pela verdade e contra depressões em tempos de tragédia. Apresento apenas um exemplo: durante o confinamento, circulou nas redes sociais um cartoon com um crente a contar a sua forma de viver em tempo de covid. Começa: *'Eu não preciso de máscara, de gel...Deus vai proteger-me!'*. Depois, ele grita aos quatro ventos: *'Oh meu Deus. Eu confio no Senhor! Proteja-me!'* Mais tarde, já numa cama de hospital, ele barafusta com o Altíssimo: *'Oh Deus! Eu confiei em Vós! Mas o Senhor não me protegeu!'*. E Deus, lá do alto, responde: *'Filho, dei-te uma máscara, sabão desinfetante e gel e*

orientei-te para o isolamento social; pedi para ficares em casa e, assim, te manteres em segurança...Mas tu não me ouviste!!!!^{lxx}.

Amanhã, como hoje, o importante e decisivo continuará a ser o anúncio de Felizes e Boas Notícias. Elas darão esperança e rasgarão novos caminhos ao futuro.

CONCLUSÃO

Os poetas são sempre luzes em tempos de escuridão. Não é por acaso que o Cardeal Tolentino Mendonça se tornou, nestes tempos, um dos autores mais citados. E podemos andar um pouco para trás na nossa história e encontrar Fernando Pessoa que escreveu: *‘Depois de tudo’. ‘De tudo ficaram três coisas: a certeza de que estamos sempre a começar...a certeza de que é preciso continuar...a certeza de que podemos ser interrompidos antes de terminar. Por isso devemos: fazer da interrupção um caminho novo...da queda, um passo de dança... do medo, uma escada...do sonho, uma ponte.... da procura, um encontro.’*

O Papa Francisco foi a grande figura mundial neste período de combate ao covid. Esta pandemia, como muitos dramas que afligem hoje o mundo, não parecem ter colhido de surpresa o Papa, pois o que ele tem escrito e feito constitui alerta para os problemas que o mundo cria ou – como foi agora o caso – para a dificuldade de responder a momentos críticos de pandemias. Disse bem Mia Couto ao escrever que *‘a pandemia faz-nos prisioneiros sem cárcere, cria uma nação feita de culpa e de medo^{lxxi}*

Citei muitos documentos e intervenções do Papa, pois lá estão sementes de solução para os problemas do mundo, assentes no projecto de felicidade que Deus traça para a humanidade. Vivendo de acordo com estes valores propostos, há muitas tragédias que já não vão ter condições para explodir e, sobretudo, o mundo será solidário e estará preparado para combater as situações de desgraça que surgirem. A nossa grande ‘arma’ é a fraternidade, valor que resulta da nossa comum paternidade/maternidade, pois somos todos irmãos, porque filhos de Deus. E há direitos que são nossos. Na Vigília Pascal, o Papa gritou ao mundo: *‘Nesta noite, conquistamos um direito fundamental, que não nos será tirado: o direito à esperança. É uma esperança nova, viva, que vem de Deus’^{lxxii}*. Nessa mesma celebração, o Papa apontou caminhos pós-covid: *‘Façamos calar os gritos de morte: de guerra, basta! Pare a produção e o comércio das armas, porque é de pão que precisamos, não de metralhadoras. Cessem os abortos, que matam a vida inocente. Abram-se os corações daqueles que têm, para encher as mãos vazias de quem não dispõe do necessário^{lxxiii}*. Na bênção ‘Urbi et Orbe’ de Páscoa, o Papa voltou à carga: *‘Verdadeiramente palavras como indiferença, egoísmo, divisão, esquecimento não são as que queremos ouvir neste tempo. Mais, queremos bani-las de todos os tempos!’^{lxxiv}*

Em termos pastorais, estes tempos pedem-nos conversão e mudança de práticas. Seguindo as sugestões de Tomás Halik, temos que dialogar com todas as

peçoas que andam à procura, nós que também procuramos novas maneiras de intervir na história de acordo com os projectos de Deus. E precisamos de continuar a reflectir sobre o que significam estas ‘igrejas vazias’ dos tempos de emergência, alargando os limites da nossa compreensão de Igreja^{lxxv}. A Igreja do presente e do futuro próximo não deve ser *‘marcadamente clerical, mas marcadamente laical: é a grande maioria do povo de Deus’*^{lxxvi}. O P. Jerónimo Lubongo, no Huambo, propõe uma Igreja mais competente na área da saúde que faça parte das equipas de decisão e coordenação destes momentos de pandemia, por exemplo no que diga respeito a produção e uso de medicamentos e vacinas. O P. Nuno Santos, de Coimbra, no projecto online chamado *‘zaragatoa, uma Igreja para além da pandemia’*, insiste na *‘necessidade da uma Igreja com sede’* e de *‘perguntas’: ‘a Igreja do futuro será uma Igreja de caminho, não resolvida, acabada, não se basta a si própria, precisa de procurar sempre a Fonte’*^{lxxvii}. A Igreja deverá ser mais ministerial, com hierarquia e laicado a partilhar decisões, como aconteceu em Moçambique no período da falta de liberdade religiosa.

A família tem de reganhar protagonismo pastoral. Alfredo Teixeira salientou, durante a emergência, *‘que algumas famílias fizeram coisas que nunca tinham feito em casa, uma espécie de liturgia das casas (...). Esta é uma imagem que está na génese do próprio cristianismo, no seu ADN’*. E concluiu: *‘é provável que em alguns contextos católicos se possa falar verdadeiramente de uma redescoberta: a possibilidade da família como tal ser protagonista da própria vivência religiosa’*^{lxxviii}. Ao olhar para momento actual, José Vieira, Presidente da CIRP, pede moderação, olhando para três imagens evangélicas: *‘sal a mais faz mal, luz a mais queima, fermento a mais estraga a massa’* e alerta para um conceito de Igreja doméstica que vem de longe: *‘O Vaticano II recuperou a teologia da Igreja doméstica. Por outro lado, as comunidades eclesiais de base (América Latina) e as pequenas comunidades cristãs (África) são passos para devolver a comunidade cristã ao essencial’*^{lxxix}

É ainda importante dar vez e voz aos jovens e olhar, com especial ternura, para os mais idosos e fragilizados pela doença.

A Igreja tem de continuar a lutar contra esta economia que mata e ajudar a construir um novo modelo de desenvolvimento que seja mais inclusivo, ecológico e fraterno. Gael Giraud, economista jesuíta, alerta para o facto de hoje quem rende não serem as mercadorias, mas o capital (e o mercado financeiro controla o das mercadorias). É urgente insistir na Igreja como hospital de campanha, como defendeu o cardeal António Marto: *‘uma Igreja misericordiosa, samaritana, próxima das pessoas feridas, porque vivemos hoje, e agora ainda mais, num mundo de gente ferida e com muitas feridas (...) uma Igreja em saída, às diferentes periferias’*^{lxxx}. Anselmo Borges lança a provocadora pergunta: *‘quando terminar a hecatombe, teremos ao menos aprendido onde está o essencial? Ou voltaremos à vertigem do ter, esquecendo o ser?’*^{lxxxii}. Parece-me importante seguir o Presbitério de Braga que quer continuar *‘a traduzir o Evangelho em gestos de consolação, cura, perdão e partilha de bens (...) partilhando o que temos e somos, cuidando de todos (...), desafiados a sair ao encontro de todas as periferias humanas e existenciais, reinventando formas de presenças, (...), ser continuadores do bom samaritano num mundo de pressas e indiferença’*^{lxxxii}. Há que apoiar e acompanhar os trabalhos da Comissão *‘Covid19 Vatican’* para que não se repitam os erros das crises antigas e

para que os pobres não voltem a ser os mais atingidos, pois estas pandemias expõem e agravam ainda mais as desigualdades que, de si, são já gritantes.

As questões ligadas às tecnologias da comunicação exigem uma reflexão mais aprofundada para decisões mais ousadas. Mas fica claro que a Igreja tem de entrar mais e melhor neste ambiente digital que exige competências próprias e formação adequada. Não pode reduzir a sua intervenção mediática a transmissões de eventos religiosos. Tem de ir mais longe e mais fundo. Mas algo se aprendeu: podem-se evitar viagens e gastos logísticos com a aposta maior, sempre que desejável, de videoconferências. E também o uso de diversas apps permitirá mais partilha e debate sobre grandes temas.

A ecologia integral deve ser tomada ainda mais a sério, neste 'Ano Laudato Si'. A Equipa de Programação do Seminário de Coimbra, do SDPF e do SDPV e Pré-Seminário propõem *'agarrar existencialmente a ecologia como uma tema central da Fé, pois precisamos de outro modelo de desenvolvimento sustentável que não prescindia de uma perspetiva de ecologia integral'*^{lxxxiii}. É essencial fugir de energias fósseis, combustíveis e poluentes, apostando nas limpas e renováveis. Há que valorizar menos a propriedade privada e mais a propriedade em comum. Devemos investir no teletrabalho, nas férias perto de casa, na utilização de transportes públicos, no consumo de produtos locais. É urgente dar especial atenção à defesa de bens essenciais que não podem ser postos fora do alcance das populações mais pobres, como é o caso da água que é fonte de vida e, por isso, é um bem que não deveria nunca ser privatizado^{lxxxiv}. Para atingir todos estes objetivos, há que apostar num estilo de vida cada vez mais simples, sóbrio e fraterno.

A Igreja e o mundo precisam de um novo Pentecostes: *'naquela manhã, há dois mil anos, o medo transformou-se em coragem; o silêncio fez-se voz forte; as dúvidas continuaram a existir, mas tornaram-se lugar de diálogo com o povo; as portas fechadas, abriram-se de par em par, escrevendo novas páginas na história da relação de Deus com os humanos'*^{lxxxv}.

Apresento mais provocações que propostas concretas. Tentei abrir mais caminhos do que apontar metas de chegada. Levanto mais questões do que forneço soluções. Em resumo, o mundo só avançará se as globalizações da injustiça, da indiferença e da destruição do planeta derem origem à globalização da solidariedade, da fraternidade e da ecologia integral.

Tony Neves CSSp, em Roma

ⁱ Ana AZEVEDO, O amor nos tempos de quarentena, in 'PÚBLICO', 03.04.2020, p.9.

ⁱⁱ . José Tolentino MENDONÇA, Que coisa são as nuvens, in 'Revista E (EXPRESSO)', 10.05.2020, p.169.

ⁱⁱⁱ . PAPA FRANCISCO, Evangelium Gaudium, 2013.

^{iv} PAPA FRANCISCO, Laudato Si, 2015.

^v .Reflexão da Equipa de Programação do Seminário, do SDPF e do SDPV e do Pré-Seminário apresentado ao Conselho Presbiteral de Coimbra, 19 de maio de 2020, nº1.

^{vi} . José Tolentino MENDONÇA, 10 perguntas para o pós-covid 19, in Revista E (Expresso), 18.04.2020, p.86.

^{vii} . Aristides NEIVA, Também nós, amarrados como jumentinhos. In Ação Missionária, maio 2020, p.12.

- viii . CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Ed. Principia, Cascais, 2005.
- ix IBIDEM, p. 15.
- x IBIDEM, p.31.
- xi IBIDEM, p.284.
- xii Cf. IBIDEM, pp.293-300.
- xiii . Cf. Tony NEVES, *Angola, Justiça e Paz nas intervenções da Igreja Católica (1989-2002)*, Ed. Texto Leya, Cascais 2012, pp. 121-157. Estas investigações sobre a Doutrina Social da Igreja foram publicadas nesta tese de doutoramento em Ciência Política.
- xiv . D. António COUTO, *O Amor verdadeiro está lá sempre primeiro*, in 'AÇÃO MISSIONÁRIA', janeiro 2014, p.4.
- xv Cf. José Tolentino MENDONÇA, *Igreja, hospital de campanha*, in 'Revista E (EXPRESSO)', 10.03.2018, p.92.
- xvi Cf. Luis Rafael AZEVEDO, *Discípulos Missionários do Deus desconhecido*, Ed. LIAM, Lisboa, 2019.
- xvii Papa FRANCISCO, *Centenário das Aparições de Fátima*, in 'www.vatican.va', 13.05.2018.
- xviii Papa FRANCISCO, *Amoris Laetitia*, 2016, nº324..
- xix IBIDEM, nº325.
- xx CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Nota Pastoral 'Todos, tudo e sempre em Missão'*, www.conferenciaepiscopal.pt, 20.04.2018.
- xxi .Cf. Papa FRANCISCO, *Gaudete et Exultate*, www.vatican.va, 19.03.2018.
- xxii Papa FRANCISCO, *Mensagem às Obras Missionárias Pontifícias*, in 'www.vatican.va', 21.05.2020.
- xxiii IBIDEM.
- xxiv Cf. Tomas HALIK, *O sinal das Igrejas vazias. Para um cristianismo que volta a partir*. Ed. Paulinas, abril 2020.
- xxv IBIDEM, p.9.
- xxvi IBIDEM, p.12.
- xxvii Cf. IBIDEM, p.13.
- xxviii Amaro Gonçalo LOPES, *Ata do Conselho Presbiteral do Porto*, in 'www.vozportugalense.pt', 25.05.2020.
- xxix Cf. Papa FRANCESCO, *La vita dopo la pandemia*, Libreria Editrice vaticana, 12.05.2020.
- xxx José Tolentino MENDONÇA, *O elogio da sede*, Ed. Quetzal, Lisboa, 2018, pp.141-142.
- xxxi . Papa FRANCISCO, *Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres*, in 'www.vatican.va', 13.06.2017.
- xxxii Papa FRANCISCO, *Discurso à Cúria Romana*, in 'www.vatican.va', 21.12.2019.
- xxxiii Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (CEAST), *Nota Pastoral em tempo de covid 19*, Luanda, 22.05.2020, nº 7.3.
- xxxiv Anselmo BORGES, D. Manuel Vieira Pinto, *Ética e Mística*, in 'www.dn.pt', 01.05.2020; ler ainda Bento DOMINGUES, *A minha dívida com D. Manuel Vieira Pinto*, in 'www.publico.pt', 10.05.2020.
- xxxv .Gabriella BOTTANI, *Tráfico humano. A pandemia fortaleceu as vulnerabilidades de quem já era explorado*, in 'rr.sapo.pt' e 'www.ecclesia.pt', 19.05.2020.
- xxxvi Andrea RICCARDI, *Periferias. Crise e novidade para a Igreja*, Ed. Sant'Egidio / Lucerna, 2019, p.116.
- xxxvii Alfredo TEIXEIRA, *As pessoas estão a descobrir que se podem relacionar e vincular de formas diferentes*, in 'www.rr.sapo.pt' e 'www.ecclesia.pt', 08.05.2020.
- xxxviii IBIDEM.
- xxxix Cf. Papa FRANCISCO, *Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2020*, in 'www.vatican.va', 08.12.2019.
- xl Ibidem.
- xli Cf. Tony NEVES, *A Missão de Servir*, Ed. LIAM, Lisboa, 2019, pp.307-311. Ler o resumo alargado desta Encíclica Social.
- xliv Reflexão da Equipa de Programação do Seminário, do SDPF e do SDPV e do Pré-Seminário apresentado ao Conselho Presbiteral de Coimbra, 19 de maio de 2020, nº11.
- xliviii Papa FRANCISCO, *Querida Amazônia*, 02.02.2020
- xliv Papa FRANCISCO, *Dia Mundial da Terra*, in 'www.vatican.va', 22.04.2020.
- xliv Cf. Rita SIZA, *Pacto Europeu Ecológico*, in 'PÚBLICO', 12.12.2019, pp.9-11.
- xlvi .Cf. www.ecclesia.pt, 16.05.2020.
- xlvii Cf. Nicolas HULOT, *100 principes pour un nouveau monde*, in 'LE MONDE', 07.05.2020, pp.1, 28-29.
- xlviii . Cf. Juliette BINOCHÉ et alii, *Non à un retour à la normale*, in 'LE MONDE', 07.05.2020, p.30.
- xliv . Papa FRANCISCO, *Regina Coeli*, in 'www.vatican.va', 24.05.2020.
- i . Cf. Luisa FRANCO, *Cinco anos de 'Laudato Si' – o que mudou?*, in 'www.pontosj.pt', 19.05.2020.
- li Papa FRANCISCO, *JMJ Cracóvia, Vigília no Campus Misericordiae*, in 'www.vatican.va', 30.07.2016.
- lii Cf. Rui TEIXEIRA, *Do Pré-Sínodo ao Sínodo dos Jovens*, in 'AÇÃO MISSIONÁRIA', outubro 2018, p.10.
- liii IBIDEM.
- liv . Cf. XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. Documento Final, in 'www.vatican.va', 28.10.2018.
- lv . Papa FRANCISCO, *Christus vivit*, in 'www.vatican.va', 25.03.2019.
- lvi .Cf. Tony NEVES, *Jovens titulares*, in 'www.ecclesia.pt', 22.04.2019. Apresenta-se, de seguida, uma brevíssima síntese desta Exortação.
- lvii Cf. José Tolentino MENDONÇA, *Jovem, Eu te digo, levanta-te!*, in 'www.ecclesia.pt', 12.04.2020.

-
- ^{lviii} . José Tolentino MENDONÇA, Honra os teus velhos, , in 'Revista E (EXPRESSO), 25.04.2020, p.90.
- ^{lix} COMUNIDADE DE SANT'EGIDIO, Sem os idosos não há futuro, in 'PÚBLICO', 23.05.2020, p.9.
- ^{lx} . As Conferências foram publicadas em 'Spiritan Horizons' (nº15, Spring 2020), a revista do 'Center for Spiritan Studies', da responsabilidade da Universidade de Duquesne, em Pittsburg, nos EUA.
- ^{lxi} Tony NEVES, De Zanzibar a Abhu Dhabi, in 'www.setemargens.com', 11.02.2019.
- ^{lxii} Cf. Dominique WOLTON, Papa Francisco. Um futuro de Fé, Ed. Planeta, Lisboa, 2018.
- ^{lxiii} Cf. Yuval Noah HARARI, 21 Lições para o Século XXI, Ed. Elsinore 20/20, Amadora 2018.
- ^{lxiv} .Cf. Yuval Noah HARARI, La coopération est le véritable antidote à l'épidémie', in 'LE MONDE', 07.04.2020, p.24.
- ^{lxv} Cf. Tony NEVES, Media e Missão. Dizer 'boas novas' na era da rede, in 'IGREJA E MISSÃO, nº235, maio-agosto 2017, pp.209-240.
- ^{lxvi} . Dominique WOLTON, Communiquer c'est vivre. Cherche Midi, Paris, 2016, p. 306.
- ^{lxvii} . Cf. António SPADARO, Ciberteologia. Pensar o Cristianismo na era da internet. Paulinas Editora. Lisboa, 2013.
- ^{lxviii} . José Tolentino MENDONÇA, O que nos está a ser dito, in 'www.ecclesia.pt, 13.06.2013.
- ^{lxix} CONSELHO PRESBITERAL DE BRAGA, Presbitério de Braga ao serviço do Povo de Deus. Comunicado, in 'www.diocese-braga.pt', 19.05.2020, nº 9.
- ^{lxx} . Tony NEVES, Boas, más e falsas notícias', in 'www.espiritanos.pt', 24.05.2020.
- ^{lxxi} Mia COUTO, A imortal quarentena, in 'VISÃO', 14.05.2020, p.7.
- ^{lxxii} Papa FRANCISCO, Homilia da Vigília Pascal', in 'www.vatican.va', 11.04.2020.
- ^{lxxiii} IBIDEM.
- ^{lxxiv} Papa FRANCISCO, Mensagem 'Urbi et Orbi, Páscoa, in 'www.vatican.va', 12.04.2020.
- ^{lxxv} Cf. Tomas HALIK, O sinal das Igrejas vazias. Para um cristianismo que volta a partir. Ed. Paulinas, abril 2020.
- ^{lxxvi} António MARTO, Prioridades para a renovação da Igreja Católica em Portugal, in 'www.rr.sapo.pt' e 'www.ecclesia.pt', 15.05.2020.
- ^{lxxvii} Nuno SANTOS, Zaragatoa, uma Igreja para além da pandemia, in 'www.ecclesia.pt', 11.05.2020.
- ^{lxxviii} Alfredo TEIXEIRA, As pessoas estão a descobrir que se podem relacionar e vincular de formas diferentes, in 'www.rr.sapo.pt' e 'www.ecclesia.pt', 08.05.2020.
- ^{lxxix} José VIEIRA, Nova normalidade: e na Igreja? in 'https://jirena.blogspot.com, 09.05.2020.
- ^{lxxx} António MARTO, Prioridades para a renovação da Igreja Católica em Portugal, in 'www.rr.sapo.pt' e 'www.ecclesia.pt', 15.05.2020.
- ^{lxxxii} Anselmo BORGES, Um astrofísico e um filósofo frente à covid 19, in 'dn.pt', 10.05.2020.
- ^{lxxxiii} CONSELHO PRESBITERAL DE BRAGA, IDEM.
- ^{lxxxiii} .Equipa de Programação...Coimbra, IDEM, nº11.
- ^{lxxxiv} Cf. DICASTERY FOR PROMOTING INTEGRAL HUMAN DEVELOPMENT, Aqua fons vitae. Orientations on water, in 'www.vatican.va', march 2020.
- ^{lxxxv} Tony NEVES & Artur TEIXEIRA, A Quatro Mãos e em Clave de Fa e Sol', Ed. LIAM, Lisboa, 2020, p. 110.